



A felicidade clandestina para Clarice Lispector

Eliane Goldstein, Porto Alegre*

A autora comenta o conto Felicidade clandestina, de Clarice Lispector, utilizando referencial psicanalítico.

Palavras-chave: Clarice Lispector, conteúdo manifesto, conteúdo latente.

* Psicóloga e membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



Felicidade clandestina: Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como data natalícia e saudade. Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia. Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam. No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem café: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez. Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder,



que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do dia seguinte com ela ia se repetir com meu coração batendo. E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra. Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados. Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: E você fica com o livro por quanto tempo quiser. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer. Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes.

Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a



felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (Lispector, 1998, p. 9-12).

Psicanálise, sonho e literatura

A psicanálise é reconhecida como um saber ao mesmo tempo em que é um método investigativo e terapêutico. Foi criada com o objetivo de diminuir o sofrimento humano, embora cética quanto à questão da felicidade. O próprio Freud (1895) teria dito que o tratamento psicanalítico pode “transformar o sofrimento neurótico em infelicidade comum” (p. 363). Ou, como complementou o psicanalista Cruz (2007): “Sobre a mesma vida, sobre os mesmos fatos irremovíveis, podemos contar uma outra história, mais centrada na compreensão do que na censura” (p. 247).

Tanto os psicanalistas quanto os escritores se empenham em dar significado às histórias da vida, ao amor, ao ódio, enfim, a todas as vivências emocionais que impactam a mente. A psicanálise não ensina o sentido da vida, mas, ao fazer pensar a história do indivíduo, sua forma de se relacionar, permite a cada um a possibilidade de encontrar um sentido e, humildemente, reconhecer as felicidades possíveis.

Freud (1900) descobriu que, através dos sonhos, temos acesso ao inconsciente. E que os mesmos possuem um conteúdo manifesto, que fala da coisa em si, e um conteúdo latente, que aparece deformado e requer um trabalho de revelação/tradução, de forma singular. Ele compara a criação literária ao devaneio (sonhar acordado) e ao brincar da criança.

Outros psicanalistas observaram que as histórias narradas por crianças são prolongamentos de sonhos que tiveram e, nos seus relatos, fica misturado o que é sonho, o que é invenção e o que é realidade. Levantaram a hipótese de que todas as figuras que aparecem nos sonhos são representações de partes da personalidade do sonhador e são por ele colocadas, inconscientemente, na cena do sonho. Os sonhos e seu relato, assim como a literatura dão forma aos sentimentos, permitindo que sejam lembrados e compartilhados. Existe, então, um espaço que está sempre presente no psiquismo, entre o sonho e o despertar e onde habitamos a maior parte do tempo.



Em se tratando da literatura, levantamos a hipótese que o conflito existente no mundo interno do autor é encenado pelos personagens que ele cria, fornecendo-os ao mundo externo através da narrativa escrita. Ao invés de sofrer de forma paralisada um conflito, o autor é capaz de se apossar dele e transformá-lo em narrativas que produzem um impacto de beleza e de sentimentos e, ao mesmo tempo, podem colaborar para sua elaboração. Isso faz pensar que todo texto literário teria um aspecto autobiográfico e que a forma original de uma vivência pode ser transformada em outra, sendo que esta possibilidade se evidencia no processo da criação.

O mundo onírico está sempre presente no psiquismo e é fonte tanto dos sonhos quanto das manifestações artísticas, entre essas as literárias. A palavra, então, representa uma forma transformada da experiência emocional que, por sua vez, expressa o sonho do escritor na busca de representar o sentido da sua experiência. Não fabricamos deliberadamente nossos sonhos e os nossos conflitos e faltas não são suficientes para dar origem a um texto. É a capacidade do encaminhamento posterior dado a estes conteúdos que vai revelar o talento do escritor.

Freud nunca se furtou a apontar a relação entre a obra e a vida do autor. Suas hipóteses podem ser entendidas como uma reverência aos autores, muito mais do que uma revelação de seus aspectos íntimos. Imbuída desta intenção, proponho-me a pensar o conto *Felicidade clandestina* e sua autora, Clarice Lispector.

Um olhar para *Felicidade clandestina*

Quero ressaltar que esta é a minha visão particular, neste momento, sobre o que me causa a leitura do conto. Não tenho a ambição e muito menos a possibilidade de abarcar tudo, porque uma obra literária é aberta a várias possibilidades de entendimento. Uma pessoa pode ter uma obra interessante, mas não necessariamente uma vida que mereça ser contada. Em Clarice Lispector a vida é tão interessante quanto a obra e estão unidas por fortes evidências.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920, numa época em que os judeus eram perseguidos por um movimento antissemita chamado *Pogrom*¹. Este fato histórico deixou marcas terríveis na história de Clarice

¹ Palavra russa que significa causar estragos e destruir violentamente; movimento organizado visando à chacina de judeus alguma vez com o incentivo do governo e da polícia. Atacavam as aldeias, roubavam, estupravam e exterminavam suas vítimas.



Lispector. Sua mãe foi violentada sexualmente por um soldado, contraindo sífilis. Havia, naquela região, uma crença popular de que a gravidez poderia curar uma doença venérea. Por este motivo, os pais da escritora optaram por uma nova gravidez, sendo ela fruto dessa tentativa de salvamento. Foi batizada como Haia (hebraico) que quer dizer *vida*, semanticamente Clara ou Clarice. Em busca de melhores dias e com a esperança de ter uma vida melhor, a família, fugindo da violência e da fome, fez um longo percurso até chegar a Maceió quando ela contava com um ano e meio. A mãe começou a padecer da doença gradativamente e, quando Clarice Lispector tinha dez anos, morreu com degeneração do sistema neurológico. No ano seguinte à morte de sua mãe, estabelecidos há anos em Recife, mudaram de endereço. Na casa ao lado havia uma famosa livraria, onde a intelectualidade recifense se reunia. O dono da livraria tinha uma filha chamada Reveca, com a mesma idade de Clarice, de quem acabou se tornando amiga íntima.

No que diz respeito ao conto, como num sonho, aparecem elementos de realidade (restos diurnos). Cabe observar como Clarice Lispector compõe a cena. Diz Moser (2011) que, apesar de o impulso criativo ter estado sempre presente, foi somente aos treze anos que ela decidiu ser escritora, começando a escrever um conto cuja história era interminável. Comenta, também, que o fracasso da tentativa de salvar a mãe marcou-a para sempre.

Quando nos fazemos psicanalistas, nosso trabalho consiste em ouvir as palavras, mas também além delas, ou seja, ambicionamos escutar a voz interior, vinda do inconsciente do paciente, recebendo a fantasia do paciente dentro da nossa própria mente. Clarice diz a mesma coisa: “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. O melhor ainda não foi escrito” (Kanaan, 2002, p. 105).

Com efeito, observamos um paralelo entre o que se encontra nas entrelinhas do texto literário com o conteúdo latente buscado pela psicanálise. Numa ocasião, ao assistir no *You Tube* a uma entrevista de Nadia Gotlib ([ca. 2009]), a mesma comentava que todos ficam intrigados com os textos de Clarice, que não os entendem bem. É justamente por aí que a escritora fissa o leitor, por aquilo que o texto esconde e que convida os leitores a interagirem dando-lhe um sentido.

O manifesto e o latente no conto

O conto versa sobre uma menina pobre, que não podia comprar livros e estava completamente submetida à impiedade da outra criança, até que a mãe dessa outra interrompe este ciclo. E, daí, segue-se um final feliz. A narrativa



mostra que a felicidade possível para a narradora é a clandestina. O que autora nos sugere pensar? O que se encontra nas entrelinhas? Por que será que ela escolheu *Felicidade clandestina*? Seria a felicidade roubada, ilegal, adquirida às escondidas? Uma felicidade que só poderia ser obtida através de uma via oculta e não pela via natural? Seria a felicidade original *versus* a felicidade clandestina?

A autora nos apresenta dois personagens: a menina ruiva e a narradora. A menina desprovida de beleza, empobrecida pela falta de gosto pela leitura e que vai se configurando desprezível no decorrer do conto. Com isso a autora deixa implícito que a menina ruiva invejava a narradora por suas características estéticas e interesse cultural. Assim, coloca-nos frente a duas polaridades e a um sentimento de inveja que fornece colorido à cena. Esta configuração inicial, caso olhemos nas entrelinhas, vai se transformando, no decorrer do texto, no desejo da própria narradora de ter o que a menina ruiva tem.

No entanto, neste momento, já estamos capturados pela escrita de Clarice Lispector e vamos torcendo pela menina-narradora até o final do conto. O livro, tão almejado, pode representar um alimento, se é de bons autores, se é lido na hora em que o leitor está pronto para *digeri-lo*. Preenche com conhecimento a *fome de saber*; preenche as necessidades estéticas fornecendo o belo. De igual forma, os clássicos infantis podem auxiliar as crianças a elaborarem os conflitos que surgem no desenvolvimento representando-os. Já os clássicos adultos oferecem um repertório de desfechos para a complexidade e os dramas que configuram a natureza humana. Desse modo, abrem portas para outros pontos de vista e para o exercício do pensar, propiciando que enriqueçamos com este alimento.

Seguindo, a menina ruiva possuía algo que era inalcançável para a menina narradora. A questão passa a ser o que, realmente, a menina narradora desejava e que a outra possuía? E, se o objeto de valor é o livro, o que ele representa? A narradora ama os livros, mas não pode deles desfrutar, enquanto que a outra os tem, mas não os valoriza. A menina ruiva guardava, egoisticamente, o que a outra identificava como riqueza, sendo isso um trunfo em suas mãos. Assim, exercia sobre a outra toda a maldade. O cartão postal como presente de aniversário continha duas palavras que nos remetem à figura materna: *data natalícia* e *saudade*. A partir disso, podemos perguntar: Que presença é certa, quando nascemos, senão a de nossas mães? Sermos acompanhados por nossos pais no caminho do desenvolvimento é o natural, o esperado. A menina Clarice Lispector, nessa época, encontrava-se entre a puberdade e a adolescência e já havia perdido sua mãe. Aliás, há muito tempo não contava com ela e tampouco desfrutava da sua vitalidade, tendo em vista a perda progressiva das funções mentais acarretadas pela doença. Existe algo mais empobrecedor para uma criança do que a ausência



da mãe? Portanto, cada vez vai ficando mais clara a necessidade que a narradora tinha da mãe/livro. Este parece simbolizar a mãe, quando diz: *Vivendo com ele, comendo-o, dormindo com ele*. Ora, com quem se faz isso a não ser com a mãe, nos primórdios da vida?

O livro que ela tanto amava se refere à vida no campo, repleta de aventuras, onde convivem Dona Benta (avó), Narizinho/Pedrinho (netos), Emília (boneca com vida) e tia Nastácia (cozinheira). Uma avó que vive com os netos e não se fala nem de mãe, nem de pai. Nem em orfandade. Como ter um *lar permanente* longe da mãe? Então, isso seria possível, segundo nos aponta a autora? A esperança de ter o livro desejado não a fez recuar frente à frustração. Ao contrário, sabia que iria consegui-lo, tinha fé que coisas boas poderiam acontecer mais tarde. É como se guardasse dentro dela uma lembrança terna da mãe sustentando-a nos momentos de frustração e colocando, no futuro, uma esperança.

Então, entra no conto uma nova personagem: a mãe da menina ruiva – que intercede em favor da filha – dando limite à sua maldade e, em favor da narradora, emprestando-lhe o livro. Enfim, exercendo uma função materna e protegendo as duas. Neste momento podemos pensar que esta mãe, embora não sendo a sua, a representava. Final feliz, a justiça foi feita.

Algumas palavras para concluir

O fato de a mãe da menina ruiva ter emprestado o livro por tempo ilimitado contém um significado importante – o respeito ao seu tempo, diferente do fato da perda precoce da mãe real. O jogo com o livro de o ter e de não o ter, perder e encontrar, aponta para uma tentativa de elaboração do luto.

Na história, os livros lhe davam *um lar permanente*. E, no percurso da vida de Clarice Lispector, foi a atividade de escrever, considerada um grande recurso da sua subjetividade, a salvaguarda contra as inúmeras adversidades que atravessou. Levando em conta as intempéries da vida de Clarice Lispector, a ausência de sua mãe faz pensar que a mesma, precocemente impedida de lhe fornecer a felicidade real, lhe fornece uma felicidade clandestina, habitando um lugar, a literatura, que evoca esta lembrança. A felicidade é clandestina porque tecida com elementos que representam a mãe, mas não a mãe viva, presente e disponível para amá-la, acompanhá-la e protegê-la.

O encontro com o livro é descrito como um momento de imensa beleza, em que ela faz uma comparação: a menina com o livro assim como uma mulher com seu amante. As recordações desses momentos de alumbramento primitivo



vivididos com a mãe podem ser resgatados e, agora, reproduzidos no curso do seu desenvolvimento. Freud (1905) supõe que a relação primitiva com a mãe, se torna um modelo para toda relação amorosa posterior. E que, o encontro com o novo objeto amoroso na vida adulta, não representaria mais que um reencontro. Isso vale para todos nós, porque o primeiro objeto de amor seria a mãe e o objeto de amor posterior a representaria. Através do livro e da escrita, a autora poderia alimentar-se de coisas que, na realidade, não possuía.

Assim sendo, a dor advinda da perda prematura é representada no conto por seus personagens, assim como acontece num sonho relatado por um paciente. Nesta cena que Clarice Lispector criou, sentimos revolta e comoção frente ao seu desamparo. Uma livraria-biblioteca de mães e ela a haver-se com livros emprestados, porém com a possibilidade de desfrutá-los.

Por fim, pensamos que Clarice Lispector, durante toda a sua vida, sonha e escreve sobre sua mãe. Dedicou-lhe livros e mais livros numa tentativa de lhe restituir o que havia *prometido*: a vida. Mas deu vida eterna à literatura que criou e foi reconhecida pelos seus feitos com o orgulho que todo ser humano pode ter. Clarice Lispector ficou marcada pela perda precoce da mãe, mas lutou. Casou, teve filhos e amigos e também viajou e morou em diversos países. Foi celebrada por muitos. Até aqui, na Livraria Saraiva, seu nome consta em frente à porta central, num lugar de destaque, entre tantos autores. Encerro informando que, na casa em que viveu em Recife, vemos, hoje, uma placa com os dizeres da própria Clarice Lispector: *Tudo passa, mas o que te escrevo continua*. □

Abstract

The clandestine happiness for Clarice Lispector

The author comments the short story *Clandestine happiness* (*Felicidade clandestina*), by Clarice Lispector, utilizing psychoanalytic references.

Keywords: Clarice Lispector, manifest content, latent content.

Resumen

La felicidad clandestina para Clarice Lispector

El autor comenta el cuento *Felicidad clandestina*, de Clarice Lispector, utilizando referencial psicoanalítico.



Eliane Goldstein

Palabras clave: Clarice Lispector, contenido manifiesto, contenido latente.

Referências

- Cruz, J. G. (2007). Psicanálise e literatura: histórias possíveis. In: *Psicanálise e cultura: homenagem aos 150 anos de Sigmund Freud*. SPPA (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1895). A psicoterapia da histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 251-295). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 240-321). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 135-250). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Gotlib, B. N. [ca. 2009]; *1st Conference of Brazilian Women Writers in New York: Brazilian Endowment for the Arts*. Recuperado em 25 jul. 2013 de YouTube https://www.youtube.com/watch?v=e8FuvkiB_JM.
- Kanaan, D. A. (2002). *Escuta e subjetividade: a escritura de pertencimento da Clarice Lispector*. São Paulo: EDUC.
- Lispector, C. (1998). Felicidade Clandestina. In: *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Moser, B. (2011). *Uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify.

Recebido em 19/03/2013

Aceito em 27/03/2013

Revisão técnica de **Cátia Olivier Mello**

Eliane Goldstein

Av. Taquara, 193/502

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: elianegoldstein@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA